

Milhares voltam às ruas em protestos na França

Manifestantes acusam governo francês de reagir com exagero

/ FRANÇA

Sob forte esquema de segurança montado às pressas pelas autoridades, milhares de manifestantes voltaram às ruas da França no sábado, uma semana após atos marcados por violência, saques e incêndios que provocaram caos no país europeu. Ao menos 135 pessoas foram presas, segundo o ministro do Interior, Laurent Nuñez. Algumas dessas detenções estavam relacionadas à apreensão de objetos que poderiam ser usados como armas. De acordo com o ministro, “não houve incidentes graves”.

No outro fim de semana, os protestos resultaram na detenção de ao menos 2.700 pessoas. Por isso, as novas manifestações ocorreram em um ambiente de tensão. O governo francês anunciou a mobilização de 70 mil militares para conter possíveis atos de violência em todo o país. O efetivo foi reforçado por veículos blindados, caminhões com canhões de água, helicópteros e drones.

Embora o início da principal manifestação em Paris tenha transcorrido pacificamente, a polícia lançou gás lacrimogêneo contra multidões em Lyon, a terceira maior cidade da França. Agentes dispersaram manifestantes perto do centro da cidade, onde os protestos haviam sido proibidos, quando eles tentaram bloquear brevemente uma via. Em Marselha, onde foram autorizados atos organizados por centrais sindicais, veículos da tropa de choque, caminhões blindados e um canhão de água estavam estacionados no centro da cidade.

Diante do temor de novos confrontos, comerciantes da capital fran-



Ao menos 135 pessoas foram presas nos atos de sábado

cesa adotaram medidas para proteger seus estabelecimentos. Perto do bairro da Bastilha, uma loja de roupas havia retirado todas as mercadorias das prateleiras, enquanto um restaurante próximo estava protegido por tapumes. Muitos outros estabelecimentos comerciais cobriram as vitrines com placas de madeira.

Instituições culturais também anunciaram medidas preventivas. Os museus do Louvre, d'Orsay e Picasso, as duas sedes da Ópera de Paris e as fundações Cartier e Louis Vuitton permaneceram fechados no sábado. O líder do partido de ultraesquerda França Insubmissa, Jean-Luc Mélenchon, cobrou que o presidente Emmanuel Macron ceda às reivindicações da mobilização. Caso contrário, disse, “não lhe restará outra saída senão deixar o cargo”.

“Ele vai entender que isso vai se repetir todas as semanas”, afirmou Mélenchon, pré-candidato à presidência, durante manifestação em Porte d'Italie, em Paris. Ao comentar a mudança de última hora no trajeto autorizado para o protesto, Mélenchon pediu ao governo que “pare

com as provocações” e elogiou a “resposta em massa” da sociedade.

Muitos manifestantes acusaram o governo de reagir de forma exagerada. Soldados foram enviados, por exemplo, para patrulhar a avenida Champs-Élysées, um dos principais pontos turísticos da cidade.

Em Orléans, cidade situada a cerca de 100 km ao Sul de Paris, a manifestação transcorreu pacificamente. Autoridades temiam confrontos já que a cidade recebe neste fim de semana o congresso anual do Reunião Nacional, partido de ultradireita de Marine Le Pen.

Único candidato à própria sucessão na presidência da Reunião Nacional (RN), Jordan Bardella foi reeleito sem surpresa no evento, com quase 99% dos votos e uma participação próxima de 68%.

O aumento da violência ampliou a pressão sobre Macron, que enfrenta dificuldades para conter a insatisfação social e avançar com medidas de ajuste fiscal. A crise ocorre a seis meses da eleição presidencial, na qual Le Pen aparece à frente nas pesquisas.

Irã reforça que segue trocando mensagens com os EUA

/ ORIENTE MÉDIO

O Irã afirmou que continua trocando mensagens com os Estados Unidos por meio de intermediários e que permanece aberto à diplomacia, apesar do impasse nas negociações sobre a guerra, paralisadas há semanas. A declaração ocorre em meio ao aumento das preocupações com uma possível retomada do conflito em larga escala, às vésperas de eleições importantes nos EUA e em Israel.

O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores iraniano, Esmail

Baghaei, acusou Washington de insistir em exigências unilaterais e criticou o uso recorrente da expressão “rendição completa” pelo presidente norte-americano, Donald Trump, e por outras autoridades dos EUA. Segundo Baghaei, nenhum iraniano aceita essa condição.

Questionado sobre a possibilidade de ordenar um ataque contra o Irã, Trump inicialmente afirmou que seria imprudente revelar seus planos, mas depois declarou: “Não. Não haverá um ataque hoje”.

Enquanto isso, o comandante

do Comando Central dos EUA, almirante Brad Cooper, sobrevoava o Estreito de Ormuz e afirmou que mais de três mil embarcações comerciais atravessaram a via marítima com apoio militar americano nos últimos seis meses.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, por sua vez, alertou que o Irã ou grupos aliados poderiam realizar ataques para interferir nas eleições de Israel nesta terça-feira. Segundo ele, a avaliação se baseia em informações de inteligência.

María Corina, líder da oposição, retorna à Venezuela após exílio

/ VENEZUELA

A líder da oposição e ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, María Corina Machado, reapareceu ontem na Venezuela. É a primeira vez que ela regressa ao país desde dezembro, cerca de um mês antes de os militares dos Estados Unidos deporem o então presidente, Nicolás Maduro (que está preso em território americano). Ela anunciou a chegada nas redes sociais. “Estou aqui. Com vocês”, disse. Enquanto isso, o parceiro dela na liderança da oposição, Edmundo González, confirmou a chegada de Corina no X e ressaltou que estaria ao lado dela “muito em breve”.

“Hoje é um dia muito importante para os venezuelanos. Nossa voz soberana retorna com ela para liderar e orientar este processo!”, escreveu. “Vocês sabem: isso vai até o fim.”

O retorno de Corina ao país, após mais de 10 meses no exílio,

ocorreu em um momento em que se aprofundam as dúvidas sobre o futuro democrático da Venezuela e sobre o papel dos Estados Unidos nesse processo.

Desde a destituição de Maduro, a Venezuela tem sido governada pela presidente interina Delcy Rodríguez, antiga aliada de Maduro, que recebeu o aval do governo Trump para sucedê-lo.

A líder da oposição passou 11 meses escondida na Venezuela após ser detida brevemente durante um protesto em janeiro de 2025. Depois de deixar o país em uma rota clandestina, ela reapareceu em dezembro daquele ano, na Noruega, onde recebeu o Prêmio Nobel da Paz por sua oposição pacífica ao governo autoritário de Maduro.

Corina e seus aliados vêm exigindo a definição de uma data para as eleições presidenciais na Venezuela, mas autoridades americanas têm enfatizado que a estabilização econômica deve vir primeiro.



Corina passou 11 meses escondida após ser detida em protesto em 2025

Trump vota antecipadamente nas eleições de meio de mandato

/ ESTADOS UNIDOS

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, votou antecipadamente no sábado nas eleições de meio de mandato, conhecidas como midterms. Acompanhado da primeira-dama, Melania Trump, o republicano compareceu a um local de votação em West Palm Beach, na Flórida. A participação ocorreu apesar das críticas feitas anteriormente por Trump à modalidade de votação antecipada.

Durante conversa com jornalistas, o presidente também abordou os conflitos na Ucrânia e no Irã. Ao comentar a guerra entre russos e ucranianos, elogiou as habilidades de negociação de Melania. Segundo informações divulgadas pela Casa Branca, a primeira-dama teria contribuído para um cessar-fogo localizado na cidade de

Oleshky, sob controle russo.

Trump também foi questionado sobre a possibilidade de os Estados Unidos realizarem novos ataques contra o Irã. Em resposta, afirmou que a decisão depende do governo iraniano e mencionou a possibilidade de uma nova ofensiva ou de um acordo. “E a questão é: terminamos o trabalho, o que não seria muito difícil? Ou fazemos um acordo com eles?”, declarou o presidente. Na sequência, acrescentou que a decisão dependerá dos iranianos.

Marcadas para 3 de novembro, as eleições de meio de mandato vão renovar todas as cadeiras da Câmara dos Representantes e cerca de um terço do Senado dos Estados Unidos. O pleito é considerado estratégico para Trump, que busca manter o controle republicano sobre as duas casas do Congresso.